

SÃO FRANCISCO DO MONTE

Património na Paisagem | Heritage in the landscape

PREFÁCIO

É com grande satisfação que na Escola de Arquitectura da Universidade do Minho assistimos à publicação dos trabalhos sobre o convento de São Francisco do Monte, em Viana do Castelo, realizados no ano lectivo de 2015-2016 em Atelier e Seminário | História e Ucronia, unidades curriculares leccionadas no 4º ano do Mestrado Integrado em Arquitectura.

Corroborando a ideia de que o projecto de arquitectura é, simultaneamente, investigação em Arquitectura, Atelier e Seminário caminham a par num processo de grande interacção. Articuladamente constroem uma metodologia partilhada que percorre teorias e conceitos, discute o lugar físico e social, programa e usos, tectónica, técnicas e tecnologias, assim construindo uma didáctica que se revê numa abordagem contemporânea em relação à intervenção arquitectónica no construído.

Com Umberto Eco (em *Piccolo mondo modernissimo*, 1990) acreditamos que “nós também lemos os romances para aprender os conceitos que nos permitirão lê-los”. É nesta trajetória que se constrói o projecto de arquitectura como investigação; e é nessa aproximação à descoberta de edifícios cujo corpo se sedimentou ao longo de séculos e usos diversificados, em camadas tantas vezes antagónicas, que procuramos conhecer profundamente para compreender e fundamentar _e também, sempre, para intensificar o prazer que o desenho nos traz.

Na continuidade de um ciclo projectual que encontrou nos edifícios conventuais sob abandono um território fértil para explorar - em múltiplas vertentes e sobreposições não lineares - memória, contemporaneidade, história, presente e futuro, esta publicação reflecte o *estado da arte* do trabalho desenvolvido ao longo dos anos em História e Ucronia. Essas ruínas são campo de ensaio, laboratório sobre a vulnerabilidade e as batalhas da sobrevivência, uma paisagem bela e emocionante, que desliza entre o romântico e o sublime. Sombras dramatizadas pela luz que atravessa a vegetação que colonizou o edifício, tectos devastados, fracturas que descobrem o cerne das paredes e dos chãos, heterogéneos fragmentos de glórias e infortúnios passados, ou, pura e simplesmente, prosaicos vestígios, reclamam a descoberta da sua importância e excitam a vontade criativa de apreender, interpretar e reinventar.

A condição de ruína é intrinsecamente didáctica também pela polaridade que provoca, entre o intenso desejo de a fazer voltar a ganhar forma e uso e o fascínio pela sua continuada decadência e *inutilidade*. Construção abandonada mas não silenciosa, exige a leitura *instruída* das temporalidades diversas que atravessou, das culturas de que está impregnada, das formas,

técnicas e valores que a definiram em outros períodos da sua história e que, a propósito da intervenção, será necessário reorganizar. A complexidade projectual do exercício acentua-se ainda quando existe, como é o caso, o pressuposto de a solução incluir edificação *ex novo*. Torna-se necessário, pois: encontrar a distância certa, ensaiando as aproximações a que a interiorização do projecto obriga e o afastamento essencial a uma percepção que não ceda a nostalgias narcísicas ou à amnésia generalizadora; compreender e saborear as hesitações que o edifício revela; recriar atmosferas e descobrir novos olhares; interpretar o ascetismo ou a opulência monástica nas suas variadas representações; e, ainda, decifrar sinais, contextualizá-los na sua anterior trajectória e encontrar o seu lugar na narrativa em construção. Os trabalhos aqui apresentados expressam todos estes temas e reflectem também sobre o contexto urbano e sociocultural da intervenção, procurando, num processo de aprendizagem recíproca com a comunidade, valorizar o conhecimento no campo da Arquitectura e entender a sua responsabilidade na modelação da paisagem social.

Nesta perspectiva, em que apreciamos os mecanismos de resistência de um edifício – tecnológicos, conceptuais, sociais - à erosão do tempo e a sua capacidade de acolher novos programas, é evidente o papel crucial de uma metodologia, como a presente, que integra a construção do conhecimento no processo de projecto, enquanto instrumento para *desenhar*, positiva e criticamente, a representação de um passado conjecturado e de um futuro que se ambiciona.

A Escola de Arquitectura da Universidade do Minho está muito grata ao Instituto Politécnico de Viana do Castelo, proprietário do convento de São Francisco do Monte, pela ocasião de trabalhar sobre um edifício tão extraordinário e pelo apoio dispensado, nomeadamente a esta publicação. Um outro agradecimento, especial, dirige-se aos estudantes pelos trabalhos aqui divulgados, e aos professores Rui Neto e Teresa Ferreira, que através da sua orientação e empenho criaram as condições para esses resultados e para que possamos, agora, usufruir do seu conhecimento.

Maria Manuel Oliveira
(Presidente da EAUM)